

florete

por João Garin

O "planeta dos Macacos" (3)

O "pluralismo" da SEC: comunistas e incompetentes subsidiados pelo IPC



Continuo hoje a "assaltar" a Secretaria de Estado da Cultura por mim crismada, e julgo que bem, de "Planeta dos Macacos".

Nada me poderia magoar mais do que ser forçado a terçar armas com pessoas com quem sinceramente simpatizo, pessoas que estimo e considero.

Mas estando em causa a Pátria, o Ideal obriga-me a seguir para a frente sem hesitações.

Como diriam os soldados da Legião Estrangeira Francesa: "c'est la guerre"...

A SEC, na opinião do seu Secretário de Estado, "respeita democraticamente o carácter pluralista das actividades e das instituições culturais" e o governante, propriamente dito, "esforça-se porque sempre se reflecta em tais actividades a expressa vontade maioritária do povo português".

Nada disto sucede na SEC, a não ser que por "pluralista" se entenda "comunista" e a "vontade maioritária do povo português" seja "o rumo ao socialismo".

E, sem mais comentários, passemos a mostrar a quem a SEC entrega os dinheiros públicos e quais os destinos que os subsidiados lhes dão:

Sob a alçada de Fernando Alçada, perdão... da SEC, existe uma instituição que dá pelo nome de Instituto Português de Cinema, e a si próprio, IPC.

Este instituto, criado pelo Decreto-Lei No. 7/71, começou a funcionar em 1973 — tempos do "Fascismo", portanto — com a missão de prestar assistência à indústria cinematográfica desde a produção e laboratórios à exibição. Este organismo financiava-se — e parece-me que ainda se financia — através de um imposto de 15 por cento sobre o preço dos bilhetes de cinema que os espectadores adquirem, inocentemente, quando desejam assistir à projecção de uma película. Em Abril de 74 nos cofres do IPC encontrava-se a módica quantia de 80 mil contos.

Após a Abrilada, dos galhos mais altos das árvores seculares das florestas africanas, das grutas longínquas do deserto do Calaári, dos distantes penhascos nevados do Quilimanjaro, do rochedo de Gibraltar, da selva amazónica e, evidentemente, do nosso belo Jardim Zoológico, viajaram, por terra, mar e ar, macacões, macacos e macaquinhos, com rabo, sem rabo e de rabo pelado, brancos, pretos, encarnados e surgiram, quase instantaneamente, encarrapitados nesse gigantesco amendoim que é o IPC.

Jamais olhos humanos presenciaram semelhante espectáculo!

Como o amendoim, apesar de avantajado, não chegasse para todos, a macacada envolveu-se numa cena de pancadaria formidável que só as câmaras de uma Paramount poderiam fixar condignamente.

Como era previsível, os macaquinhos foram aniquilados no primeiro embate; depois foi a vez dos macacos, ficando finalmente os macacões que, num rasgo de inteligência quase humana, deixaram-se de chinfrineiras e resolveram partilhar entre si o IPC.

Desataram então a dar à manivela de tudo o que possuísse manivela. Câmaras velhas, câmaras novas, câmaras de meia idade e consta até que conseguiram fazer um filme utilizando uma sorveteira arcaica que se encontrava numa arrecadação...

Mas deixemos a metáfora para não ferir susceptibilidades.

O que de facto sucedeu foi que a turbamulta dos realizadores esquerdistas lançou-se sobre o pobre Instituto, apanharam-lhe os cabedais e com eles produziram a única coisa que são capazes de produzir — PORCARRIA, isto é, propaganda marxista ou chatices tão tremendas que ninguém, nem mesmo eles próprios, conseguem suportar.

Nesta alegre bambucheta, onde abalizadas considerações do género "parâmetros das parábolas, da medida em que, e não só, muito conseguido" tiveram lugar de honra, a rapaziada canhota espatifou ao IPC mais de 400 mil contos, talvez mesmo 500 mil.

Com que resultados?

Passo a enunciar:

Temos em primeiríssimo lugar, no galarim, o espanato desarrancado de Manuel de Oliveira, "Amor de Perdição", para o qual contribuíram, além do IPC, o Centro Português de Cinema, a Tóbis, a Cinequipa, a RTP e a Gulbenkian. Da conjugação de todos estes esforços poderosos saiu "aquilo" que a Televisão tentou obrigar-nos a ver. Depois, surgiu a notabilíssima e "consequidíssima" película "Quem tem medo do Poder Popular" do genial Luís Rocha, considerada unanimemente pela crítica mundial — e também por alguns extraterrestres — com o a mais notável obra cinematográfica até hoje realizada no âmbito da ficção científica. Seguiu-se-lhe o digníssimo trabalho de Artur Semedo, "O Rei das Berlenhas", tentativa de destruição da História nacional, felizmente malograda graças à falta de imaginação e à crassa ignorância de História por parte do responsável. Por último, apareceu-nos a maravilha das maravilhas da 7a. Arte — "O Comboio" — de que foi revisor, perdão, de que foi realizador o portentoso Alberto Seixas Santos, por coincidência administrador do IPC. Neste "Comboio" — julgo que de transporte de gado — viajavam clandestinamente toneladas de propaganda a Otel Saraiva de Carvalho. Para desgraça dos portugueses tal obra levou sumiço e consta que só alguns privilegiados, como o sr. Couto, também administrador do IPC, também realizador, também comunista e ainda ex-latifundiário em Elvas, tiveram a oportunidade de com ela encermem os olhos.

E a TÓBIS? A pobre TÓBIS que em tempos idos tão bom trabalho produziu?

É hoje administrada por Cunha Teles, luminária tão fantástica e brilhante que nos seus filmes nunca utilizou projectores. Lá colocado pelo IPC, viu assim facilitada a forma de pagamento da sua substancial dívida para com essa empresa: zás - trás, um molho de letras, meia dúzia de rabiscos e tudo em ordem...

Esgotado com tanta sangria, o pobre do IPC caiu doente. António Reis, o secretário de Estado da Cultura do PS, esculápio famoso em casos de debilidade cultural, aplicou-lhe prontamente a necessária terapêutica: nomeou para presidente Rogério de Freitas e para vice-presidente Fernando Alçada.

Foi remédio santo. O IPC, se não melhorou, também não piorou. O seu estado ficou, pura e simplesmente, estacionário. Mas, continuando esgotado, não consegue sequer pôr a correspondência em dia e prejudica uma quantidade de pessoas, como por exemplo, um realizador não comunista cujos assuntos não marcham, embora ele, ao contrário daqueles a quem o IPC financiou, tenha um cinema de estreia interessado no seu filme.

Eis, em breves palavras, o pluralismo da SEC.